

AS SERPENTINAS, OS BLUES E OS TRÂNSITOS MARGINAIS: COMO SUJEITOS FERVEM E FALAM EM NARRATIVAS BAIANAS

NARA GIL MARTINS DE OLIVEIRA

Programa de Pós-graduação em Crítica Cultural/Universidade do Estado da Bahia, nara gil27@hotmail.com

Resumo: Este trabalho é resultado do estudo da obra *Corações, Blues e Serpentinhas* (2007), de autoria de Lima Trindade, escritor responsável por adicionar à ficção baiana obras que abarcam identidades e diversidades sexuais. Afim de promover uma leitura atrelada ao queer, o objetivo da discussão é compreender de que forma as personagens que diferem da matriz heterossexual declinam dos aparatos discursivos para adentrar em uma esfera mais crítica e consciente da própria sociedade. A teoria queer propõe a descentralização de dicotomias identitárias fixadas e entende que às diversidades não operam o diverso somente para as homossexualidades, mas para todos e todas em orientações e dissidências sexuais. Sendo assim, a leitura proposta nesse estudo, visa colocar em xeque as tramas e representações de sujeitos e seus desejos, afetos, identidades ou medos em liberar-se das prisões, das gavetas e armários que ora são arrombados, ora são trancados. A estratégia metodológica adotada é utilizar um marcador da instabilidade identitária (o queer) para analisar a obra de Trindade. Para sustentar a discussão, teóricos como Richard Miskolci(2009), Guacira Lopes Louro(2004) e Judith Butler(2003) foram acionados.

Palavras chave: Diversidade sexual, Identidades sexuais, Queer.

INTRODUÇÃO

A obra *Corações, Blues e Serpentinhas* do escritor baiano Lima Trindade, trabalha, sobretudo, com as subjetividades de personagens em conflito com seus desejos e identidades sexuais. O escritor desenvolve um trabalho de muita importância no cenário da literatura ao abordar posicionamentos de gênero e expressões de sexualidade, sua obra representa personagens homens que têm posturas muito nítidas em relação aos conflitos sobre a sexualidade.

Buscando uma análise fluida das identidades sexuais delineadas na obra, utilizo o questionamento queer como perspectiva analítica do trabalho. O queer é pensado, aqui, de forma ainda mais descentralizadora, visto que a instabilidade do termo dialoga com os discursos do literário, ou seja, a proposta de desnaturalização de identidades fixas é representada por personagens que não utilizam “rótulos identitários” para se definir. Assim, o objetivo da discussão é perceber de que forma as subjetividades de personagens divergentes da matriz heterossexual declinam dos aparatos discursivos para adentrar em uma esfera mais crítica e consciente da própria sociedade.

O questionamento do queer rebate os caminhos utilizados pela comunidade LGBT para construir uma identidade gay, caminhos estes que percorrem também as obras literárias. Afinal, seria a literatura mais um complexo lugar de propagação e relativização de categorias sexuais fixas? Afirmar identidades homossexuais, é tudo que o queer não quer. É necessário problematizar o local privilegiado da heterossexualidade, é necessário verificar se a afirmação não está caminhando para uma identidade tida como universal /central /ideal.

É válido mencionar que o queer não pretende anular a importância da luta ou a validade de se afirmar uma identidade, mas pretende problematizar o que está por trás de tais identidades forjadas socialmente e questionar a normalidade impregnada nas pautas discursivas dos movimentos. Ainda que pareçam distantes do viés político tão presente no ativismo LGBT, há muito de política em um movimento que busca problematizar, questionar e desconstruir conceitos. O objetivo do queer não é promover mais uma disputa ideológica entre acadêmicos e ativista, pretende-se ampliar as discussões e desnaturalizar normas. Mais do que pressionar sistemas institucionais em busca de posições idênticas a de sujeitos heterossexuais, o queer pressiona a própria ordem cultural que cria e dita as regras identitárias.

Dessa forma, este trabalho objetiva construir uma “análise queer” da obra *Corações, Blues e Serpentinhas* de Lima Trindade. Os quatro contos escolhidos trazem conflitos de personagens com os seus próprios desejos e tratam dos limites identitários instaurados pela sociedade.

AS SERPENTINAS, OS BLUES E OS TRÂNSITOS MARGINAIS

A obra *Corações, Blues e Serpentinhas* é um “prato cheio” de medos, desejos, amores, aceitabilidades e indecisões. Ao longo de quinze contos, o autor descreve a trajetória de personagens fronteiros e conflituosos com os próprios desejos afetivos. Lima Trindade fornece ao leitor a possibilidade de aguçar uma “interpretação queer” a medida em que constrói discursividades fluidas e personagens que não conseguem definir suas próprias identidades sexuais.

No conto “Noite num hotel da Asa Norte”, o personagem utiliza a figura da puta para questionar as suas próprias aflições amorosas oriundas de uma relação homossexual. Tanto a puta, quanto homossexual estão fora de padrões morais criados por uma sociedade machista e heteronormativa, tanto a puta, quanto homossexual desviam das “normalidades” e justamente por isso parecem viver fadados à solidão:

A chuva bate aqui dentro. As putas estão protegidas sob uma marquise. Só eu é que não estou protegido. Imagino que ele deva estar em seu apartamento agora, esquecido de mim. Sinto como se o mundo inteiro tivesse se esquecido de mim. [...]Passarão essas putas por uma contradição igual? Terão elas um homem a esperá-las? Ou, como eternas desgraçadas amargarão um vazio tão grande quanto o meu? (TRINDADE,2007, p.20)

O sentimento de solidão vivido pelo personagem é uma constante que o acompanha desde a sua infância, sua vida é marcada por um histórico de abandonos protagonizados sempre pela figura masculina. Desde o pai, os inúmeros padrastos e, por fim, os homens por quem se apaixona, todos são passageiros em sua vida. A série de pequenos e grandes abandonos (TRINDADE, 200, p. 17) traz para o personagem a sensação de lassidão, as expectativas criadas são sempre rompidas como se pode ver a seguir:

Se estou lhe convidando para passar a noite comigo é porque saquei qual era a sua logo que fugiu do meu quarto. Eu sou um cara aberto, entende? Agora se quiser mesmo saber, não sou viado não. Não sou. E não é por transar com homem uma vez que vou virar bicha ... (TRINDADE, 2007, p. 27)

A fala descrita acima é a opinião de Samuel, primeiro homem a despertar sentimentos no personagem principal, esta fala poderia ser ingenuamente lida como o medo de assumir uma identidade perante à sociedade, mas poderia simplesmente significar a decisão do personagem em não tomar para si um determinado lugar. Tomando como hipótese a decisão, é significativo notar que a sociedade forja regras de comportamento para enquadrar homens e mulheres em categorias sexuais. Afinal, transar com alguém do mesmo sexo seria prerrogativa para determinar a homossexualidade? As identidades seriam tão facilmente determináveis? Se as identidades são fluidas como sugere o queer, é necessário pensar na fluidez de subjetividades e desejos.

Considerando as identidades de gênero como constructos devidamente marcados, Judith Butler, umas das principais teóricas queer da contemporaneidade, destaca a existência de normas que materializam e regulam o sexo dos sujeitos. As normas regulatórias de sexo têm caráter performativo, isto é, têm poder continuado e repetido de produzir aquilo que nomeiam e, sendo assim, elas repetem e reiteram, constantemente, as normas de gênero na ótica heterossexual. (LOURO, 2004, p.44) Afirmar que Samuel é gay por ter transado com um homem não seria uma tentativa de categorização? Essa urgência categórica é também dicotômica, leia-se pelo discurso do próprio Samuel que pretende demonstrar com veemência que é heterossexual e não gay. Sendo assim,

atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são

fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (BUTLER, 2003, p. 194)

No conto “Então é isso” é possível evidenciar um outro aspecto: as consequências de assumir uma identidade gay. O autor utiliza duas abordagens para desenvolver a narrativa: uma interna, pelo fluxo de consciência do personagem, e outra externa, que é a agressão de um casal homossexual por um grupo de radicais extremistas. O tema principal do conto é a homofobia, o narrador tenta destruir o objeto do seu desejo acreditando que com isso aniquilaria a dor da não aceitação da sua orientação sexual.

Chute chute murro chute chute chute,
Eu odiava o João, tinha vontade de matá-lo por saber que ele olhava para mim daquele jeito. Olhava como se... olhava como se... *Chute murro murro chute chute*
João olhava para mim como se me amasse. – Espanca esse filho da puta! Esse veado escroto! Espanca com vontade, não quero ver branco da pele! (TRINDADE, 2007, p. 79)

Muitos discursos ditos “libertários” têm incentivado a “saída do armário”, acreditam que ao exibirem uma identidade sexual estão demarcando um lugar político e fortalecendo a luta. A iniciativa de fato agrega representatividade aos movimentos, visto que o número de homossexuais assumidos tem crescido e com isso as políticas públicas são pressionadas a intervir no cumprimento de direitos. Contudo, é necessário rever o que está por trás, ou melhor, “por dentro” de muitos armários, pois a partir do momento em que os sujeitos cruzam os limites delimitados pela norma, estão sujeitos a inúmeros tipos de violência. O armário¹ é uma espécie de dispositivo que regula a vida dos homossexuais, este objeto representa um móvel utilizado para guardar artigos pessoais, estando “dentro do armário” não necessariamente se pretende esconder uma identidade sexual já que a permanência nem sempre é uma opção.

No conto “Anjinho barroco” Trindade constrói uma narrativa instigante que envolve desejo e religiosidade. Após ter se envolvido sexualmente com um homem, o personagem principal perambula sem rumo pelas ruas de Salvador, sentimentos de angústia e horror aparecem a medida em que as lembranças do sexo tomam sua mente. Ao entrar em uma igreja, as lembranças tornam-se ainda mais angustiantes, pois agora a figura da mãe e do papa aparecem para lembrá-lo dos valores morais que estão em jogo:

¹ A teórica Eve Kosofsky Sedgwick acredita que o armário responde às necessidades representacionais mais íntimas e por outro lado o armário é a estrutura que melhor sintetiza a opressão gay deste século. (SEDGWICK, 2007, p. 26)

Dentro da sua cabeça, a mãe, a velha mãe, os dedos enrugados segurando um terço, rezando baixinho, rezando por ele. [...] Então a cabeça era invadida pelo som ofegante do homem com o corpo esticado, a calça arriada, o volante resvalando a cintura, enquanto se curvava sobre ele e um abafado de contentamento dizia *sim, não pare*. (TRINDADE, 2007, p.96)

O estacionamento, o carro, o homem, o desejo, o sexo em sua boca, o homem, as calças arriadas, o carro, o sexo em sua boca. Sem explicações passou a ouvir as palavras que o Papa João II escrevera no jornal outro dia. *Anomalia...Pecado...Um atentado contra a família e a moral* (TRINDADE, 2007, p. 97)

A religiosidade aparece como uma espécie de obstáculo que impede o personagem de transitar livremente em meio aos seus desejos por outro homem. Dessa forma, a igreja é uma das instituições reguladoras que estabelece normas acerca da sexualidade, a maior parte do discurso religioso fortalece o imaginário de preconceitos acerca das dissidências sexuais e de gênero. No caso do personagem, a homossexualidade está atrelada ao anormal e imoral, estar com outro homem é pôr em xeque valores sagrados.

Na luta contra a regulação de instituições tradicionais como a igreja, afirmar identidades não parece ser a melhor alternativa. A tentativa de afirmação pode fortalecer o discurso conservador e heteronormativo que é justamente o que se busca desconstruir, as identidades que deveriam ser questionadas passam a ser moldadas de acordo com a norma instituída. O queer é diferente² porque busca (des)construir o que a sociedade normalizou.

Em “Com ou sem Chantilly”, o personagem é um escritor que aguarda uma “carta de aceite” para a publicação do seu livro. Após ter recebido recomendações de alterações para o fim do livro, o personagem questiona o formato de literatura exigido pela editora:

A loucura do Diógenes é que está certa! De que adianta nos arrebetarmos nas salas de aula para ganhar um comerzinho e dizer que fazemos literatura por diletantismos? Temos é de escrever histórias como eles querem: contos cor-de-rosa como algodão doce, bichas-bofes casando de véu e grinalda, enfrentado papai, a mamãe e a titia por uma felicidade imorredoura. Ah! Que lindo! (TRINDADE,2007, p. 148)

² O queer carrega toda uma carga de estranheza e deboche, de acordo com Guacira Lopes Louro (2004) uma vertente dos movimentos homossexuais acredita que queer significa colocar-se contra a normalização venha ela de onde vier.

O incômodo do personagem nos convida a pensar com o queer as dissidências sexuais e de gênero, ou seja, compreender que não existem apenas uma forma de viver as homossexualidades, bissexualidades, travestilidades, lesbianidades e também as heterossexualidades. Assim como não existem apenas dois gêneros (homem-mulher), mas uma considerável parcela de pessoas que prefere ficar nos trânsitos (COLLING, 2015, p.12) O dilema do personagem pode ajudar o leitor a pensar “fora das caixinhas” de gênero legitimadas por discursos binários e estereotipados que nomeiam homens e mulheres que ultrapassem as normas.

Há também uma crítica que diz respeito às obras literárias que constroem modelos de relacionamentos homossexuais muito próximos de uma matriz heterossexual, nota-se que há uma tentativa de burlar o modelo hegemônico da cultura gay, o personagem escritor tentou criar uma nova sintaxe para abordar a história de dois homens que ao seu ver não precisariam ficar juntos, já que o final feliz na história alteraria completamente a sua proposta enquanto autor. Miskolci (2009) discorre acerca do “rompimento com uniformidades” quando diz que

A Teoria Queer busca romper as lógicas binárias que resultam no estabelecimento de hierarquias e subalternizações, mas não apela à crença humanista, ainda que bem intencionada, nem na “defesa” de sujeitos estigmatizados, pois isto congelaria lugares enunciatórios como subversivos e ignoraria o caráter contingente da agência. A crítica da normalização aposta na multiplicação das diferenças que podem subverter os discursos totalizantes, hegemônicos ou autoritários. (p.172)

Outro ponto a ser pensado neste conto é o que Colling(2015) chama de mercantilização da cultura gay. A tentativa de criar uma imagem positiva sobre relações entre homossexuais pode fortalecer a existência de identidades essenciais e normais a serem alcançadas. O personagem do conto não quer um fim feliz, um relacionamento que caminhe para o casamento ou uma linda história de amor. Talvez o personagem nem mesmo seja homossexual, pode não se nomear ou se identificar de forma divergente.

A teoria *queer* parte da mesma premissa que o personagem-escritor, mais do que celebrar a diferença sexual dos personagens, interessa desnaturalizar identidades fixadas socialmente. Afinal, por que personagens gays precisam casar nas histórias? por que personagens gays precisam seguir a uniformidade esperada pela sociedade? No conto, o personagem não gostaria de seguir essa lógica, mas se pergunta se este não seria o único caminho possível para alcançar o objetivo de ter um livro publicado.

Considerações Finais

Se a literatura representa personagens homossexuais, como são escritos, como são enunciados, o que e como falam, que tramas são tratadas, vendo o lugar em que ocupam, “esse avanço é percebido quando personagens questionam posições antes não possíveis para eles e alcançam formas de dizer de si, quando constroem lugares de livre trânsito para os iguais.” (SILVA, 2014, p.62)

Contudo, é necessário questionar até que ponto essas relações são permitidas, ou seja, em que medida as diferenças sexuais de fato são construídas de forma plural no texto literário e como o queer pode ser lido no mesmo. Em *Corações, Blues e Serpentinhas*, Lima Trindade traz à tona personagens que rompem dicotomias identitárias e questionam seus próprios lugares sociais. Conclui essa reflexão de modo bem “indisciplinar” com a fala do escritor: Afinal, o que seria da vida sem os desvios no caminho? (TRINDADE, 2007, p. 110)

REFERÊNCIAS:

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COLLING, Leandro *Dissidências sexuais e de gênero*. Org. Salvador: EDUFBA, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MISKOLCI, Richard. *A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*. Sociologias. Porto Alegre: PPGS-UFRGS, ano 11, n. 21, jan./jun. 2009.

SEDGWICK, Eve K. *A epistemologia do armário*. In: Cadernos Pagu. Campinas, n. 28, 2007, p. 19-54.

SILVA, Antônio Pádua Dias; *A literatura brasileira de temática homoerótica e a escrita de si*. Acta Scientiarum. Language and Culture (Online), v. 36, p. 61-71, 2014.

TRINDADE, Lima. *Corações, Blues e Serpentinhas* /São Paulo: Arte Pau Brasil, 2007.